

Drogas psicadélicas andam entre o consumo recreativo e os consultórios

Amílcar Correia

Psicadélicos – em Português é um livro que resume a história e as propriedades destas substâncias usadas no tratamento da depressão

Substâncias psicadélicas estão a ser administradas em cerca de 500 estudos que estão a decorrer em vários países ou que estão em vias de execução. Estas investigações abrangem um universo de 30 mil participantes e os seus resultados científicos poderão originar mais de um milhar de publicações.

Pedro Teixeira, professor e investigador de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa, cita este inventário da actual produção científica sobre aquelas substâncias, a partir da base de dados Blossom Analysis, para as resgatar da maldição a que foram condenadas na década de 70 do século passado.

Psicadélicos em Português, que acaba de ser lançado pela Fundação Francisco Manuel dos Santos, é um resumo oportuno, pedagógico e útil da história e propriedades deste tipo de substâncias, que, nas últimas décadas, voltaram a ser objecto da curiosidade científica e do consumo recreativo.

Esta convergência, que deu origem à expressão “renascença psicadélica”, traduz-se na sua crescente aplicação terapêutica em certas doenças, nas quais os tratamentos convencionais têm sido ineficazes, e na sua utilização como experiência introspectiva, através de estados alternativos de consciência.

Portugal acompanha estes dois momentos. Cinco serviços públicos de psiquiatria e várias clínicas privadas recorrem à cetamina (ou ketamina) no tratamento de depressões mais resistentes.

A cetamina é a única destas substâncias que se encontra legalizada para uso médico na maioria dos países com assento na ONU, mas a sua utilização é *c/label*, o que, nesta gíria, significa que é empregue com uma finalidade diferente daquela para a qual foi criada. Mas este medicamento anestésico não só voltou aos consultórios como também aos contextos recreativos desde a década de 90.

O sucesso de eventos como o Boom Festival, em Idanha-a-Nova, de repercussão internacional neste circuito específico, com laivos de comunidade, e a quantidade de retiros clandestinos para experienciar estas substâncias, sobretudo de *ayahuasca*, são reflexo do crescente interesse em Portugal por estas drogas proscritas.

O que Pedro Teixeira pretende com este livro é desestigmatizá-las, recuperar a sua aceitação social e aumentar a literacia acerca delas. Porquê? Porque é preciso explicar a “curiosos e interessados no tema, mas ainda pouco informados sobre ele”, de que nem todas as drogas são perigosas para a saúde e que nem todas são sinónimo de grande dependência.

“Ensinar a população a saber gerir o consumo de substâncias psicadélicas não seria demasiado complicado. Já para remover o estigma e o receio na população poderão ser precisas uma ou mais gerações”, observa o ex-director do Instituto Synthesis, nos Países Baixos, e fundador da Safejourney, uma plataforma de divulgação de ciência e da cultura psicadélica.

Este livro pretende ajudar a que o seu uso seja feito com segurança, tendo em conta a redução de riscos e a adopção de boas práticas, seja por quem as experimenta, seja por quem as fornece e acompanha a experiência, e inclui códigos QR para informações mais aprofundadas sobre cada um dos subtemas.

No fundo, há que ter em conta que cada uma das drogas tem a sua própria história, que elas não são todas iguais e que há substâncias que socialmente são mais toleráveis do que o LSD ou a psilocibina (cogumelos mágicos) e que são mais nocivas para a saúde humana, como é o

caso do álcool e do tabaco.

“Os psicadélicos mais conhecidos e mais usados – como o LSD, os cogumelos mágicos ou a *ayahuasca* – não têm propriedades adictivas e a sua toxicidade e impacto fisiológico são muito reduzidos, ao ponto de não levantarem preocupações entre especialistas e médicos, salvaguardadas as boas práticas.” Como se chegou até aqui?

Guerra às drogas

A história é curta e interessante. Há um conjunto de substâncias capazes de alterar a consciência humana que são utilizadas desde a antiguidade, em contextos rituais, formas de atingir o divino, como acontece na bacia amazónica com a *ayahuasca* ou no México com o peiote, cuja utilização

Em Portugal, cinco serviços públicos de psiquiatria e várias clínicas recorrem à cetamina para tratar depressões mais resistentes

Pedro Teixeira pretende desestigmatizar estas substâncias, recuperar a sua aceitação e aumentar a literacia

para fins espirituais está já legalmente consagrada.

Estas substâncias deixaram os redutos ancestrais nos quais surgiram, em alguns casos, há cerca de cinco mil anos, no século XX. A síntese das moléculas que conhecemos como psicadélicas ocorreu com enquadramento laboratorial e comercial, sob iniciativa da indústria farmacêutica, que Mike Jay retrata, com detalhe, em *Psiconautas*, outra obra publicada recentemente.

O LSD, a psilocibina e a mescalina seriam protagonistas das décadas de 60 e 70, que abalaram os EUA de Richard Nixon e da guerra do Vietname. Sem elas, o movimento contracultural, que se manifestava contra a guerra e pela rebelião da descoberta interior, não seria o mesmo. A contestação social, cultural e política que daí nasceu teria como corolário a sua proibição. Nixon decretava guerra às drogas. Ainda ninguém decretou o seu fim.

“A proibição em particular teve várias consequências que se mostraram decisivas para uma fase de ‘obscurantismo psicadélico’ que durou até ao início do século XX”, escreve Pedro Teixeira, quer do ponto de vista científico, quer do ponto de vista recreativo, pois “não os podendo reprimir pelas suas ideias, a polícia e a justiça podiam agora prender e acusar pessoas e grupos específicos pela posse ou consumo de drogas (agora) ilícitas”. Resultado: a sua demonização acabou com o consumo e toda a investigação científica foi suspensa.

Mas a história vai e vem, dá algumas voltas. O centenário do nascimento de Albert Hoffman, o químico suíço que descobriu o LSD, em 1938, e que foi quem isolou em laboratório, pela primeira vez, o princípio activo da psilocibina, marcaria o início da tal “renascença psicadélica”.

Depois disso, acumularam-se evidências científicas sobre a maior eficácia de algumas destas drogas em tratamentos da depressão, ansiedade, perturbação de stress pós-traumático, alcoolismo, tabagismo, ou consumo de opiáceos.

É expectável que a FDA, a agência do medicamento dos EUA, e a EMA, a congénere europeia, se manifestem sobre a autorização terapêutica de psilocibina e do MDMA para casos, respectivamente, de depressão e perturbação de stress pós-traumático.

A Austrália foi o primeiro país a legalizar uma substância psicadélica para uso médico após a proibição no século anterior e a permitir que a psilocibina e o MDMA fossem utilizados terapêuticamente.

